

## O USO DO SISTEMA PREPOSICIONAL NA ESCRITA DE PORTUGUÊS LÍNGUA SEGUNDA POR UTILIZADORES SURDOS. BREVES CONSIDERAÇÕES

### THE USE OF THE PREPOSITIONAL SYSTEM IN PORTUGUESE SECOND LANGUAGE WRITING BY DEAF USERS. BRIEF CONSIDERATIONS

Isabel Sofia Calvário Correia<sup>(1)</sup>; Pedro Balaus Custódio<sup>(2)</sup>

*(1, 2) Instituto Politécnico de Coimbra (Portugal)*

**E-Mail:** icorreia@esec.pt<sup>(1)</sup>; balaus@esec.pt<sup>(2)</sup>

**ID. ORCID:** <https://orcid.org/0000-0002-1798-2165><sup>(1)</sup>; <https://orcid.org/0000-0003-2140-7304><sup>(2)</sup>

---

**Recebido:** 08/03/2024

**Aceite:** 05/07/2024

**Publicado:** 12/07/2024

#### RESUMO

Este breve trabalho apresenta uma sucinta descrição, assente numa pequena amostra, do uso de preposições por indivíduos surdos, utilizadores da língua gestual portuguesa (LGP) como primeira língua. O facto de o português ser uma língua que recorre com abundância a palavras funcionais, ao contrário da LGP que pela sua modalidade visual não se socorre deste recurso, levou-nos a interrogar a raiz dos desvios que os Surdos, utilizadores do português como língua segunda (PL2), demonstrar no uso contextual do sistema preposicional português. Para isso, analisámos um conjunto de frases sem licitação e apresentamos as nossas propostas em relação ao uso das preposições. Sugerimos também atividades que possam fomentar a aprendizagem do PL2 por estudantes surdos por forma a promover uma escrita autónoma e escoreta.

*Correia, Isabel Sofia Calvário; Custódio, Pedro Balaus (2024). O uso do Sistema Preposicional na Escrita de Português Língua Segunda por Utilizadores Surdos. Breves considerações. DEDiCA. REVISTA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES, N.º 22, 2024, 389-402. ISSN: 2182-018X. DOI: <http://doi.org/10.30827/dreh.22.2024.30346>*

**Palavras-chave:**

Ensino de Surdos; Línguas de sinais; Língua portuguesa como segunda língua; preposições

**ABSTRACT**

This brief paper presents a concise description, based on a small sample, of the use of prepositions by deaf individuals who are users of Portuguese Sign Language (LGP) as their first language. The fact that Portuguese relies heavily on functional words, unlike LGP, which, due to its visual modality, does not rely on this resource, led us to question the root causes of the deviations that Deaf individuals, who use Portuguese as their second language (PL2), demonstrate in the contextual use of the Portuguese prepositional system. To do this, we analyzed a set of unscripted sentences and presented our proposals regarding the use of prepositions. We also suggest activities that can promote the learning of PL2 for deaf students, to encourage independent and accurate writing.

**Keywords:**

Deaf Education; Portuguese as a Second Language; prepositions; Sign Languages

## 1.Introdução

Esta sucinta reflexão versa sobre o uso de preposições por indivíduos Surdos, utilizadores de Língua Gestual Portuguesa (LGP) na escrita do português europeu. A nossa análise incide sobre a observação e a discussão de frases escritas por pessoas Surdas adultas, sem licitação, em contextos formais, como a redação de trabalhos, emails profissionais e situações informais, como mensagens escritas em redes sociais. Nenhum dos participantes será identificado e suprimir-se-á qualquer contexto que possa levar a um reconhecimento do autor das frases. Procuramos verificar se há desvios linguísticos e postular hipóteses para a sua ocorrência.

Começamos por compreender a existência de preposições na LGP e em outras línguas de sinais, nomeadamente a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e a *American Sign Language* (ASL) que escolhemos por serem os idiomas visuais com divulgação científica mais quantiosa e acessível. Os estudos sobre estas

línguas serão usados enquanto suporte teórico uma vez que, para a LGP, não se conhece investigação sobre o sistema preposicional. Após breves considerações sobre o Programa de Português Língua Segunda para Alunos Surdos (PPL2AS) em vigor, apresentamos alguns exemplos do uso de preposições na escrita do português por sujeitos Surdos e teceremos considerações sobre os desvios linguísticos ocorridos. Por último, mostramos algumas propostas didáticas para o ensino das preposições do português a alunos surdos.

### *1.1 O sistema preposicional nas línguas de sinais: visualidade e iconicidade*

Se fizermos uma busca simples de estudos sobre o sistema preposicional em línguas de sinais, verificamos a escassez de dados a este respeito. Alguns estudos que encontramos referentes à Língua Brasileira de Sinais (Mesquita 2008; Fernandes, 2004; Quadros & Karnopp, 2004; Monteiro 2015) consideram o uso de estruturas proposicionais, não preposições, nesta língua de sinais. Fernandes (2004) refere que estes conetores não se encontram na LIBRAS sendo a sua função suprida pelo uso de estruturas classificadoras. Estas estruturas são muito produtivas em diversas línguas de sinais, e também na LGP; são geralmente constituídas por um verbo e um sujeito ou objeto incorporados. Como exemplo, veja-se o glossário *spreadthesign* nas entradas ANDAR DE BICICLETA e ANDAR DEZ MINUTOS<sup>1</sup>. Constata-se que há a produção de um só signo gestual sem necessidade de outros elementos funcionais. Outro argumento que advoga a não existência de preposições é o facto de existirem verbos direcionais ou de concordância, em que o movimento e direção do sinal executado suprime a preposição (Correia, 2020).

Mesquita (2008, p. 60) nota que: “Há, no entanto, sinais em LIBRAS que podem corresponder a preposições do português”. Em dicionários de LIBRAS, como o de Capovilla e Raphael (2001) preposições do português são apresentadas com sinais equivalentes em LIBRAS – embora esses sinais não recebam classificação quanto à sua categoria gramatical no dicionário.

Constam no dicionário sinais correspondentes às preposições 'até', 'com', 'contra', 'sem', 'sob', 'sobre'. O sinal da preposição 'para' também é ilustrado no dicionário. Os autores ressaltam, porém, que esse sinal é dificilmente utilizado em LIBRAS.

Em LGP regista-se, também, o uso da preposição ATÉ como pode ser visto no *spreadthesign*, sendo usada em frases que denotam limites temporais, como por exemplo, na locução ATÉ AGORA. Não conhecemos o uso e nenhum sinal para as preposições referidas no dicionário brasileiro.

A propósito da preposição PARA, existe um estudo (Monteiro, 2015) sobre o uso deste sinal na LIBRAS em que se conclui: "Assim, considerando que o sinal PARA da Libras tem um conteúdo semântico claro, é utilizado com a função relacional de estabelecer uma subordinação em contextos sintáticos muito restritos, não parece estar passando por um processo de gramaticalização, e o que é mais importante, parece ser opcional em contextos diversos, essa pesquisa é insuficiente para afirmar que a categoria gramatical das preposições faz parte da gramática da Libras. Mais plausível parece ser a hipótese de que um item lexical semanticamente pleno começou a ser usado com uma função relacional devido ao alto nível de interferência do Português na vida dos surdos" (Monteiro, 2015, p. 224).

Considerando o que sucintamente descrevemos e indagamos na bibliografia respeitante à LIBRAS, as preposições parecem estar ausentes deste idioma.

Porém, é necessário sublinhar que existem mecanismos interlinguísticos que cumprem essa função, como estruturas classificadoras e componentes morfológicos, querológicos e sintáticos, como se verifica nos verbos direcionais.

No que concerne a outras línguas de sinais, observa-se idêntico fenómeno: "In general, sign languages appear to make little use of adpositions. As we discussed above (Section 5.2), even though some sign languages have signs that express, for example, 'with' and 'on', it is far more common to express such relations through use of the signing space. This is particularly evident for *spatial relations*" (Baker et al. 2016, p.106).

Os mecanismos usados são similares aos que mencionámos para a LIBRAS: mudança da direção do verbo, uso do espaço para indicar relações espaciais, como por exemplo, posicionar o signo gestual no espaço e, muitas vezes usando a outra mão, posicionar o outro signo gestual no lugar que especifique “em/frente/atrás/ao lado de...” (Sutton-Spence & Woll, 1998; Baker et al, 2016,).

É muito interessante notar que os autores citados descrevem o uso de um sinal específico para a preposição “para” na Língua Gestual da Geórgia, como também se verificou na LIBRAS: “Across sign languages, adpositions expressing abstract relations appear to be quite infrequent. Georgian Sign Language, however, features an interesting element that can express that an action is performed for someone else, that is, a benefactive marker. This sign, which we gloss as for in (29), is performed with a f-handshape moving towards the location of the benefactive argument. Note that the movement is sufficient for expressing the argument; no separate pronoun (‘him/her’) is required” (Baker et al, 2016, p. 108).

Valli, C., Lucas, C., Mulrooney, K., & Rankin, M. (2011) no estudo que apresentam sobre a American Sign Language (ASL) concordam que o uso de preposições para estabelecer relações entre verbos e argumentos não é produtivo, mas acrescentam ainda que as preposições que existem nestas línguas ganham novos significados, não sendo apenas funcionais: “In ASL (...) these relationships are typically expressed by through depiction, indicating and depicting verbs, and the index finger pointing to mean “at”. Compared to English, ASL does not have many independent prepositions, but it does have some signs – IN, UNDER, and BEHIND. However, these signs have a different function in ASL in that they typically incorporate more information than English prepositions do. For example, when the sign INSIDE is produced on the chest with repeated movement to talk about inner feelings, it becomes the predicate of the sentence” (Valli, C., Lucas, C., Mulrooney, K., & Rankin, M., 2011, p. 107 e 109).

Em LGP, idêntico fenómeno se verifica, como se pode constatar no dicionário *spreadthesign*, pesquisando o item

INTERIOR. Em relação aos signos gestuais ATRÁS; EM BAIXO, eles funcionam como preposições ou como predicados quando amalgamados a um verbo, por exemplo, ao dizer 'o copo está em baixo/atrás da mesa', seria o nome comum 'copo' que se deslocaria no espaço, como acima se disse em relação a outras línguas visuais.

O uso de preposições em português faz parte da estrutura interna da língua e é fundamental para estabelecer relações entre os constituintes frásicos, obedecendo a regras e argumentação verbal e condicionantes históricas advindas do designado latim vulgar. Assim, o ensino destas palavras funcionais revela-se importante, mas um desafio no que concerne o ensino do português L2 para alunos surdos.

### *1.2 O Português L2 para alunos surdos: orientações curriculares e objetivos didáticos*

Desde 2011 que o ensino de português a alunos surdos conta com um programa curricular. Este documento tem como referenciais os programas de línguas maternas, nomeadamente o português, e estrangeiras, o espanhol e o inglês, o Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas, assumindo-se como documento que privilegia o modelo de educação bilingue e a articulação entre as duas línguas do currículo dos alunos, o português escrito e a LGP. Além disso, organiza-se por domínios temáticos e competências de leitura; escrita e conhecimento da língua (PP2AS, 2011; Correia & Custódio, 2019). Na organização e apresentação destes domínios não existe nenhuma referência explícita ao ensino de preposições. Apenas é dito que é previsível que seja necessário trabalhar aspetos marcadamente distintivos das duas línguas, a LGP e o português escrito, tais como: a flexão verbal, o uso das preposições, a ordem dos constituintes na frase, as regras de concordância, entre outros.

Tal como já foi afirmado para o 1º ciclo, no 2.º, deve privilegiar-se a aquisição do léxico, de acordo com os domínios temáticos de referência. Será a partir dele que o aluno surdo começará a construir universos de referência lexical que lhe

permitirão alargar o estudo da língua para estruturas mais complexas, particularmente durante o 6.º ano. É importante ter em conta que só será possível trabalhar a gramática do texto e do discurso, quando a gramática da frase estiver sistematizada (PPL2AS, 2011, pp. 79-80).

As preposições são, portanto, um elemento estranho para o aprendiz de português L2 uma vez que não têm materialização na sua língua natural, a LGP, ou seja, os mecanismos preposicionais não se socorrem do uso de elementos funcionais para estabelecer relações frásicas, nem constam como algo obrigatório ou fundamental nas diretrizes para o ensino da língua segunda. Parece ser suficiente aquisição do léxico para a formação do sujeito Surdo autónomo, inferindo-se que o estudante se apropriará do uso das preposições apenas por exposição visual.

A nosso ver, ainda que seja indiscutível a primazia do conhecimento lexical para um aluno de uma língua não-materna cremos que, num nível mais avançado (que poderia corresponder ao Ensino Secundário), as palavras funcionais e a sistematização das regras pode ser uma mais-valia para formar leitores fluentes e capazes de escrever com mais propriedade. O breve estudo que abaixo apresentámos pode indicar se bastará a exposição aos mecanismos preposicionais do português para que sejam adquiridos.

## 2 Pressupostos metodológicos

Considerando a impossibilidade temporal e de espaço de que dispomos para observar o uso de todo o complexo sistema preposicional do Português Europeu, selecionamos algumas frases escritas por sujeitos Surdos, todos com curso superior, homens e mulheres, com idades compreendidas entre os 25 e os 49 anos, que interagiram nas redes sociais, procurando compreender os desvios linguísticos encontrados que se relacionem com o uso das preposições. Além disso, consultámos docentes de LGP que têm o português como segunda língua, tentando perceber se refletem sobre as implicações da escrita de preposições. Por fim, sugerimos

duas atividades para dois distintos níveis de ensino, em consonância com o PPL2AS e outras premissas pedagógicas que explanaremos.

### 3. Resultados

#### 3.1. Produções escritas

Abaixo transcrevemos as frases escritas que recolhemos por informantes surdos, sem qualquer litação, e que são meramente exemplificativas. Reforçamos a adaptação do contexto para preservar o anonimato da autoria. Sublinhamos as preposições usadas.

- a) O livro tem tudo **em** repetido
- b) Eu não comento nada **a** ninguém.
- c) Estou a sair **na** sala.
- d) Depois eu trato **para** ele.
- e) O meu amigo é fluente **da** LSF
- f) Não há alunos inscritos **do** exame
- g) Alguns alunos ouvintes ainda não são muito fluentes **de** LGP
- h) A frase tem o verbo **de** terceira pessoa do plural.
- i) Eu aceito **de** participar
- j) O João vai **na** casa.
- k) O Pedro vai **o** escola.

#### 3.2. Análise das produções escritas

As frases reproduzidas levam-nos a constar que o uso das preposições por indivíduos surdos reflete alguns mecanismos interessantes. Nos exemplos a) e i) verifica-se o que pode ser considerado um fenómeno de hipercorreção pois usa-se uma preposição que não é requerida pelo verbo<sup>2</sup>; nos exemplos b), c), d), e); f); g); h) e j) utiliza-se a preposição errada, havendo confusão entre o uso de preposições que indicam espaço/estado; direção/movimento e posse. Por fim, o último exemplo, k), omite a



preposição podendo ser uma interferência da LGP que não tem qualquer mecanismo preposicional em frases desta natureza.

Vejamos os exemplos mais de perto com algumas hipóteses que podemos apontar.

Verifica-se nestes exemplos que há um uso indevido, maioritariamente, da preposição *de*. Tal pode dever-se a vários fatores que apenas indicamos com a ressalva de que é necessário um estudo de maior fôlego para conclusões mais precisas. Assim, conforme vimos acima, a LGP possui um signo gestual para indicar algo “relativo a”; “próprio de”; “característico de”. Veja-se o exemplo, “comida de animais”, disponível em <https://www.spreadthesign.com/pt.pt/search/>.

Nesta frase, o segundo item usado indica que tal “é relativo a”; “característico” dos animais, funcionando na frase como um modificador restritivo do nome. Este signo é amplamente usado em LGP. Desta forma, a preposição “de” pode ser entendida pelo utilizador de PL2 como algo que significa “restrição”; ou seja “relativo/restrito” à LSF/ LGP nas alíneas e); g) e h).

Assim, tal como afirma Rodrigues, (2016, p.7), quando a LM do aprendente tem preposições ou ele aprendeu uma segunda língua que as tenha, é frequente que troque as regências das línguas que conhece e use de forma incorreta em português, no caso de terem diferentes usos.

Considerando as características da modalidade da LGP, não podemos afirmar que este uso se deve a troca de regências, mas sim a confusão de sentidos equivalentes, ou seja, o utilizador surdo usa o valor “de” como restritivo, tal como na sua língua primeira usa um signo gestual em contexto semelhante ou, pelo menos, com valor semântico similar.

Outra das hipóteses a observar é que o uso da preposição correta poderia não fazer sentido para o utilizador. Assim, como já mencionámos acerca da opção metodológica adotada, conversámos com professores de Língua Gestual Portuguesa, Surdos, pretendendo indagar quais as suas dificuldades no uso estes elementos funcionais. Todos responderam que no ensino de português língua segunda, as preposições eram pouco abordadas,

limitando-se à memorização das mais recorrentes e, em alguns casos, à memorização do sentido mais comum delas.

Esta informação continua válida anos depois, como vimos pela ausência de um conteúdo específico para o ensino das preposições no PPL2AS. Desta forma, a preposição “em”, como aliás foi referido por um dos sujeitos consultados, significava “lugar”/“espaço”.

Assim, não seria correto, assentando na metodologia de aprendizagem acima mencionada, usar “em” nas frases acima, uma vez que não havia referência a espaço.

Esta última hipótese pode também ser válida para explicar os desvios nas alíneas c) e j) visto que aí há uma menção referência a espaços, “sala” e “casa”. O utilizador de PL2, sendo um sujeito Surdo, faz uma sobregeneralização, ou seja, sabendo que os vocábulos “casa” e “sala” são nomes concretos, comuns, femininos, utiliza a contração da preposição “em” com o artigo definido “a” uma vez que esta é a regra geral. Além disso, o sujeito usa a preposição considerando os traços semânticos do complemento que remetem para lugares, desconsiderando o facto de os verbos de ambos os predicados sugerirem movimento. Tal coaduna-se com a organização das áreas cerebrais do Surdo conforme estudado por Emmorey, K., & McCullough, S. (2009). Desta forma, além da sobregeneralização causada pelo ensino de PL2, observa-se a interferência da L1 do sujeito.

Já no exemplo k), o sujeito poderá ter colocado a preposição pois, possivelmente, aglomerou o verbo “comentar” e o verbo “contar”, motivado pelo contexto sintático e pelos traços dos verbos “contar” e “comentar”, nomeadamente, “dizer algo a alguém”. Assim, terá escrito “comentar a” pois escreveria “contar a”.

Vejamos, abaixo, uma tabela síntese dos desvios e respetivas hipóteses:

Tabela 1: Tabela síntese dos desvios e respetivas hipóteses

ALÍNEAS	DESVIO	CATEGORIZAÇÃO DO DESVIO
a); i)	Os verbos não requerem preposição	Hipercorreção e contaminação por contexto semântico interlinguístico (alínea i)
b), c), d), e); f); g); h) e j)	Uso indevido das preposições, confusão entre espaço/estado; direção/movimento	Contaminação interlinguística e interferência no uso indevido da preposição “de”; desconhecimento de mecanismos preposicionais da L2 uma vez que não são produtivos na L1 dos sujeitos.
k)	Omissão de preposição	Interferência da L1 que não tem qualquer mecanismo preposicional neste contexto sintático.

Fonte: Elaboração própria.

#### 4. Considerações Finais

Por esta brevíssima amostra verifica-se que só a exposição a estruturas preposicionais não é suficiente para uma aprendizagem produtiva do português por alunos Surdos. Atualmente, as pessoas surdas cada vez mais prosseguem os estudos, obtendo graus académicos e exercendo profissões que requerem um bom domínio da língua maioritária. Assim, em nossa opinião, é fundamental que se ensine não apenas o português funcional, mas o português na sua essência, sempre assumindo pressupostos de progressão e de apropriação das aprendizagens pelos estudantes.

Para isso, concluímos, deixando a proposta de duas atividades simples, mas que, no nosso entender, se usadas repetidamente, transformarão o uso das preposições no português em algo fluído e mecânico, uma vez que podem ter diversas variantes e usos para o ensino-aprendizagem.

Correia, Isabel Sofia Calvário; Custódio, Pedro Balaus (2024). O uso do Sistema Preposicional na Escrita de Português Língua Segunda por Utilizadores Surdos. Breves considerações. DEDiCA. REVISTA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES, N.º 22, 2024, 389-402. ISSN: 2182-018X. DOI: <http://doi.org/10.30827/dreh.22.2024.30346>

### Atividade 1

Considerando que o ensino das preposições deve socorrer-se de mecanismos visuais, e que o estudante deve já ter adquirido léxico e estrutura frásica do PL2 suficiente, propomos a aplicação da atividade sugerida no 3ºCEB/início do ensino secundário.

Os alunos devem ter acesso a palavras recortadas de jornais, revistas ou outros. À parte, na “caixa das ligações”, teriam preposições que deveriam colar no sítio certo. Estas colagens podem ser feitas com material que permita o uso das preposições em outros contextos. Por exemplo, ao ler um excerto de uma narrativa ou de outra tipologia textual, o aluno pode preencher uma ficha com espaços onde deve incluir essas preposições. A caixa e o conteúdo devem ser previamente preparadas pelos alunos com a supervisão do professor, e cada um deve possuir a sua, algo exequível, pois sabemos que as turmas de alunos Surdos são exíguas.

### Atividade 2

Com recurso a programas como o *kahoot*, *hot potatoes*; ou similar, o professor pode criar um jogo em que o aluno tenha de ligar preposições a frases; preencher espaços; assinalar frases erradas e corrigir posteriormente. Pode ser criada também uma roleta com as várias preposições para o aluno rodar e, depois, compor uma frase com a preposição que lhe caiba. Os colegas devem validar, ou não, a frase escrita no quadro.

Estas duas despreziosas propostas já são de sobremaneira conhecidas no ensino de português para estrangeiros. O que pretendemos com elas é que este tipo de metodologias seja experimentado no ensino de português a surdos, nomeadamente para que estruturas que lhes causam estranhamento, e não são alvo de confronto direto na LGP, sejam memorizadas através de estímulos visuais e significativos.

### Referências bibliográficas

Baker, A.; Bogaerde, B. V.; Pfau, R.; Schermer, T. (2016). *The Linguistic of Sign Languages - An Introduction*. Países Baixos: John Benjamins Publishing Company.

Correia, Isabel Sofia Calvário; Custódio, Pedro Balaus (2024). O uso do Sistema Preposicional na Escrita de Português Língua Segunda por Utilizadores Surdos. Breves considerações. *DEDiCA. REVISTA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES*, N.º 22, 2024, 389-402. ISSN: 2182-018X. DOI: <http://doi.org/10.30827/dreh.22.2024.30346>

Capovilla, F.; Raphael, W. (2001). *Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da Língua de Sinais brasileira – Libras*. São Paulo (Brasil): Edusp.

Correia, I. (2020). O parâmetro movimento em Língua de Sinais. *DEDiCA. REVISTA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES*, 17, 41-56. Doi: <http://dx.doi.org/10.30827/dreh.v0i17.9354>

Correia, I.; Custódio, P. (2019). Do Gesto ao Sinal: Reflexões sobre terminologia linguística. Em Correia, I.; Custódio, P.; R. Campos, R.. *Língua de Sinais: Cultura, Educação, Identidade* (pp. 59-74). Lisboa (Portugal): Edições Ex-Libris.

Emmorey, K.; McCullough, S. (2009). The bimodal bilingual brain: Effects of sign language experience. *Brain and language*, 109(2-3), 124-132. doi:10.1016/j.bandl.2008.03.005

Fernandes, E. (2004). *Linguagem e Surdez*. Porto Alegre (Brasil). Artmed.

Mesquita, A. (2008). *A categoria Preposicional na Interlíngua do Surdo Aprendiz de Português L2*. [Dissertação apresentada à Universidade de Brasília para obtenção do Grau de Mestre. Disponível em <https://repositorio.unb.br/handle/10482/1036>

Monteiro, M. (2015). *A Interferência do Português na análise gramatical em LIBRAS: o Caso das Preposições*. Dissertação apresentada à Universidade de Santa Catarina para obtenção do grau de Mestre. Disponível em <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/169443>.

Quadros, R.; Karnopp, L. (2004). *Língua de Sinais Brasileira: Estudos Linguísticos*. Porto Alegre (Brasil). Artmed.

Rodrigues, T. (2016). *As preposições em Português: Reflexão sobre a experiência de um minicurso na Universidade de Estocolmo*. Dissertação apresentada à universidade do Porto para obtenção do grau de Mestre. Disponível em:

<https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/89773/2/169232.pdf>

SpreadtheSign. Dicionário de Línguas Gestuais. Disponível em <https://www.spreadthesign.com/pt.pt/search/>

Sutton-Spence, R.; Woll, B. (1998). *The Linguistic of British Sign Language - An Introduction*. Cambridge (UK): Cambridge University Press.

Raposo, E. et al (2013). *Gramática do Português*. (Portugal). Fundação Calouste Gulbenkian, vol. II, capítulo 3.

Valli, C.; Lucas, C.; Mulrooney, K.; Rankin, M. (2011). *Linguistics of American Sign Language: An Introduction*. Washington, DC (USA): Gallaudet University Press.

Correia, Isabel Sofia Calvário; Custódio, Pedro Balaus (2024). *O uso do Sistema Preposicional na Escrita de Português Língua Segunda por Utilizadores Surdos. Breves considerações*. *DEDiCA. REVISTA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES*, N.º 22, 2024, 389-402. ISSN: 2182-018X. DOI: <http://doi.org/10.30827/dreh.22.2024.30346>

### Para saber mais do/a autor/a...

#### **Isabel Sofia Calvário Correia**

Professora Coordenadora da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Coimbra (Portugal).

Pós Doutorada em Morfologia Contrastiva (português/ língua gestual portuguesa) pela Universidade de Coimbra (Portugal).

Pós Doutorada em Tense Marking in Portuguese Sign Language pela Universidade da Beira Interior (Portugal).

Doutora em Literaturas e Culturas Românicas pela Universidade do Porto (Portugal).

Autora de livros infantis bilingues.

#### **Pedro Balaus Custódio**

Professor Coordenador Principal da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Coimbra.

Licenciado em Línguas e Literaturas Modernas, variante de Estudos Portugueses e Franceses na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (1987); especializado em Ensino do Português pela mesma faculdade (1989) e Mestre em Literatura Portuguesa pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (1992).

Doutor em Didática da Literatura pela Universidade de Coimbra (2004).

Possui Pós Doutoramento em Letras na Universidade da Beira Interior e o título de Agregação em Estudos Literários da Universidade de Aveiro.

Tem pertencido a diferentes comissões científicas de eventos nacionais e internacionais no âmbito do ensino do Português, e tem sido professor convidado de várias universidades europeias.

### Como citar este artigo...

Correia, Isabel Sofia Calvário; Custódio, Pedro Balaus (2024). O uso do Sistema Preposicional na Escrita de Português Língua Segunda por Utilizadores Surdos. Breves considerações. *DEDiCA. REVISTA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES*, 22, 389-402.

DOI: <http://doi.org/10.30827/dreh.22.2024.30346>

---

<sup>1</sup> Usamos maiúsculas sempre que escrevemos um signo gestual.

<sup>2</sup> Sobre o sistema preposicional do português europeu veja-se Raposo E. (2013), volume II, capítulo 3.